

Um triste retrato - Março/Abril - 2004

Me permiti, nesta edição, falar de um assunto que não se relaciona com a contabilidade, mas diz respeito a toda sociedade: a violência. O fato que me motivou a escrever este editorial de repúdio ao cenário em que vivemos em todo o país, mas, principalmente na capital do estado do Rio, foi o frio e brutal assassinato da contadora Elisabete Gama Duarte da Silva, seqüestrada e morta na noite de 3 de março por três homens armados, que a renderam quando ela se dirigia para uma aula de seu curso de inglês. Somado a esse fato, tivemos, no dia 21 de março, mais um massacre, do contador Jorge Luiz Rodrigues Braga, encontrado morto em seu apartamento, em Copacabana, com mãos e pés amarrados, vítima de fortes pancadas na cabeça.

Que o mundo anda violento, todos nós sabemos, mas até quando teremos de conviver com esse terrorismo tupiniquim, que nos faz evitar locais e horários na vã ilusão de que estaremos mais seguros se não sairmos à noite ou não passarmos por determinados lugares conhecidos por seu cotidiano violento?

No caso da nossa colega, nem mesmo a tecnologia foi eficiente para evitar a sua morte, até porque, a ação conjunta com a polícia não teve a coordenação e presteza necessárias para que o fato pudesse ter sido evitado.

Infelizmente, este assassinato foi apenas mais um entre tantos que acontecem diariamente, pois matar já virou uma banalidade para os bandidos que praticam a violência na garantia da impunidade. Temos momentos de indignação quando casos como o da contadora Elisabete alcançam a mídia. Mas em pouco tempo o fato sai dos noticiários e voltamos à rotina, fazendo força para esquecer dos acontecimentos após o lamento pela perda, sem deixar de torcer, rezar, ou o que quer que seja, para que tal fato não se repita e, principalmente, que não ocorra com pessoas próximas.

Entretanto, o retrato que temos de nossa sociedade é dos mais tristes, sem verificarmos uma luz no fim do túnel que nos dê esperança de que as coisas vão melhorar e num futuro próximo estaremos nos sentindo, com razão, mais seguros.

Talvez esteja na hora de nos rebelarmos e cobrarmos mais das autoridades, nos empenharmos mais na denúncia de fatos que levam à violência tais como tráfico de drogas. O Disque-denúncia é um dos instrumentos que permite à sociedade apontar a criminalidade, de forma sigilosa, eliminando o medo de sermos identificados em função da denúncia.

Na realidade, acredito que esteja mais do que na hora de pleitearmos nosso direito de ir e vir como bons cidadãos que somos, contribuindo com nossos impostos para que o governo possa contratar policiais, adquirir tecnologia, implementar políticas de combate eficaz à violência.

O que vemos hoje em nossa sociedade não é, certamente, o retrato que imaginávamos para nossos filhos. Quero crer que ainda há meios para mudanças e se para isso devemos agir, então que o façamos, em benefício do futuro de todos.